

DESP
Data 7/12/97 A-3
Class. 454

DOMINGO, 7 DE DEZEMBRO DE 1997

LIVROS

Mitos indígenas vão do canibalismo à autofagia

Milton Michida/AE — 22/10/97

Lendas de 'Moqueca de Maridos' estão a um tempo próximas e distantes da moderna literatura erótica

ELIANE ROBERT MORAES
Especial

Os mitos eróticos reunidos na antologia *Moqueca de Maridos* — assinada por Betty Mindlin e narradores indígenas — propõem uma experiência de leitura das mais desconcertantes. Primeiro, por apresentar um repertório que, longe de evocar uma visão idílica das práticas amorosas nas sociedades tribais, impõe a marca da diferença pela crueldade insólita de suas imagens. Segundo porque, no sentido inverso, esse mesmo imaginário aciona motivos bastante familiares a quem conhece a moderna literatura erótica. Um tal paradoxo — que desconcerta ainda por lançar o leitor no fundo obscuro onde se encontram o diferente e o semelhante — pede explicação.

A ambigüidade entre o distante e o próximo tem sua primeira expressão já no propósito do livro: apresentar a mitologia de sociedades que, apesar da localizadas em território brasileiro, nos são completamente desconhecidas. Os mitos provêm de seis povos indígenas da Rondônia — os Macurap, os Tupari, os Aruá, os Arukapu, os Ajuro e os Jabuti —, que falam línguas diversas e têm distintas tradições. Contatadas há cerca de 50 anos, essas populações passaram por toda sorte de mazelas decorrentes do convívio com os colonizadores: contudo, suas histórias orais estão intocadas por influências urbanas e correspondem a um período arcaico de vida nas aldeias da floresta amazônica.

O livro dá continuidade ao criterioso trabalho de pesquisa que a antropóloga Betty Mindlin vem realizando nas áreas indígenas de Rio Branco e Guaporé. Suas publicações anteriores são marcadas pelo mesmo empenho de traduzir, nos diversos sentidos do termo, a riqueza simbólica das mitologias das pequenas sociedades da mata brasileira. Assim como ocorre em *Vozes da Origem* (Ática/Iamã), editado no ano passado, são os laços de parentesco que fornecem o solo comum onde se desenrolam as histórias eróticas. Mas o universo fixo das relações entre os dois sexos que esses mitos privilegiam, longe de impor restrições à fantasmática do desejo, representa apenas o núcleo básico sobre o qual se abrem as possibilidades ilimitadas da imaginação.

A consequência é uma violência erótica que também desconhece limites, potencializada pelo princípio soberano do excesso. Assasmatos, massacres, torturas, estupros e toda sorte de mutilações corporais compõem o repertório de *Moqueca de Maridos*, superando e até subvertendo o tom feminista do título da obra. Entre os requintes de crueldade que os mitos indígenas encenam, destacam-se em particular as várias modalidades de antropofagia, um motivo central tanto por sua recorrência quanto pela singularidade de seu imaginário.

É no ponto onde convergem essas tópicas — a violência, o excesso e a antropofagia — que devemos interrogar a imagem da "cabeça voraz", comum a diversos mitos. A versão Macurap conta a história de uma mulher casada cuja cabeça separa-se do corpo todas as noites, à procura de carne e alimento, enquanto o que resta dela permanece na rede abraçado ao marido. Na versão Aruá, a cabeça da esposa, tendo se destacado do corpo em busca de água, passa a ter vida autônoma, acompanhando o marido durante o dia e mordendo sua carne à noite. O tema se desdobra nas histórias sobre a "cabeça voadora", que recordam o mito Kaxinawá explorado por Mário de Andrade em *Macunaíma*.

Figura da insaciabilidade, a cabeça viva que se separa do corpo para dar curso livre à sua voracidade nada tem em comum com a cabeça decapitada — e morta —



A antropóloga Betty Mindlin: trabalho de pesquisa criterioso nas áreas indígenas de Rio Branco e Guaporé

que as Judiths e Salomés da mitologia cristã exibem como troféus. Ao contrário, no imaginário indígena o motivo capital surge para realçar a vitalidade física de um órgão que se torna autônomo para melhor satisfazer sua ânsia de devoração. Trata-se, portanto, de uma cabeça completamente erotizada, que só obedece aos impulsos da sensualidade.

Sendo a devoração uma metáfora erótica de intensa significação, não é de estranhar que a mitologia indígena associe com frequência o ato de comer ao ato de copular. "Enquanto namorava ia comendo a mocinha" — diz com assustadora simplicidade um mito Tupari, reiterando as afinidades entre o apetite sexual e a gula alimentar que nos propõem outras tantas versões. Numa derivação do tema, um mito Jabuti amplia o campo do erotismo oral ao relatar a história coprofágica dos homens que se escondiam para comer as próprias fezes misturadas com pamonha. Ora, são essas mesmas relações entre o alto e o

baixo corporal que a imagem da cabeça voraz parece sintetizar, evocando um tema recorrente na moderna ficção erótica.

Como tópica literária, a associação entre a parte mais elevada do corpo e o baixo ventre tem longa história. Pelo menos desde Rabelais, com a exaltação do corpo grotesco, há toda uma vertente da literatura européia que insiste em afirmar uma correspondência essencial entre os órgãos faciais e os genitais, buscando aproximar os ideais espirituais expressos pela cabeça dos imperativos carniais que o sexo representa. Nessa linha, o marquês de Sade ocupa um lugar central, não só por retomar o motivo rabelaisiano do banquete mas sobretudo por transformá-lo num fundamento de sua erótica. Nas ceias e nas orgias de seus personagens, indistintas umas das outras, confundem-se os diversos órgãos do corpo sem qualquer hierarquia: assim como acontece no universo mítico dos índios, no mundo libertino também prevalece o princípio de equivalência entre a boca e o sexo.

Para ficarmos apenas com Rabelais e Sade — aliás, as principais fontes do erotismo literário europeu —, vale lembrar ainda a persistência desses autores em representar a avidez de seus personagens através dos imaginários da devoração. Tanto num caso como no outro, a metáfora sexual

do canibalismo é sempre ampliada pelo ato metonímico da coprofagia: do consumo violento do corpo do outro, o homem passa a consumir as matérias que seu corpo produz, como se não houvesse limites para a satisfação de suas pulsões bulímicas. Ou, se quisermos, como se a continuidade lógica da insaciabilidade fosse o consumo do próprio corpo.

Herdeiro dessa tradição, Georges Bataille dedicou boa parte de sua obra ao tema da reciprocidade entre os "dois rostos do homem". As sucessivas substituições que, na sua *História do Olho*, se operam entre as partes do corpo — olhos/testículos, anus/boca, cabeça/sexo — também atentam para a dissolução orgânica que estaria no horizonte de toda atividade erótica. Conferindo a esse imaginário um estatuto filosófico, Bataille o propõe como interrogação da identidade humana: quando a cabeça reverte-se em sexo, o homem perde a singularidade espiritual que o rosto lhe confere para obedecer unicamente ao regime intensivo da matéria.

Não deixa de surpreender que um tema de tal gravidade possa ser dramatizado com tanta semelhança em fontes tão distantes entre si como a ficção erótica européia e a mitologia indígena brasileira. Contudo, talvez valha a pena lembrar que uma das linhas de força da literatura moderna — e em particular da que se ocupa de temas "proibidos" — consiste no esforço de dar palavra ao interdito, ao que foi expulso da memória individual ou coletiva. Nesse sentido, o escritor moderno pode muito bem compartilhar com os narradores indígenas o desígnio comum de explorar os fantasmas das interdições, para dizer precisamente aquilo que não pode ser expresso.

Mas é também aqui, onde vislumbramos a semelhança, que surpreendemos a maior diferença. Se o imaginário da cabeça voraz aciona temas tão caros ao erotismo literário, é preciso sublinhar que alguns de seus desdobramentos permanecem para nós na obscuridade do desconhecido. É o caso dos mitos nos quais a insaciabilidade da cabeça é lançada contra si mesma. Numa versão Aruá, um homem que "era viciado em comer moças", não tendo alimento, passa a comer pedaços de seu próprio corpo; vai cortando e assando os braços, as pernas, a barriga, até se devorar por completo. História exemplar de autofagia, que se desdobra nos mitos em que a cabeça humana é apresentada como iguaria requintada, disputada pelos habitantes da aldeia.

Amplia-se, assim, a dimensão física do motivo capital: da cabeça devoradora, marcada pela in-

densidade de uma fome que não termina jamais, passa-se para a cabeça que é "boa de comer". Em outras palavras: nada, decididamente nada, escapa à existência superior e impessoal de um excesso violento que se torna exterior ao próprio indivíduo, ameaçando indistintamente toda matéria viva. As imagens de autofagia dos mitos indígenas nos colocam diante de um impulso vital obscuro que parece presidir a existência humana e que, por isso mesmo, só pode ser pensado como força cósmica.

Talvez seja essa a razão da significativa ausência de imagens autofágicas na literatura erótica. No repertório profano de um Rabelais, de um Sade ou de um Bataille, para ficarmos apenas com os autores citados, a autofagia permanece invariavelmente como tabu, na condição de um fantasma inconcebível. Por certo, essa diferença essencial também demarca as fronteiras entre o mito e a literatura, esta esquivando-se dos temas que possivelmente só podem ser tratados numa dimensão sagrada.

Nesse limite, os "corpos imateriais" e os "espíritos materiais" que povoam as histórias de *Moqueca de Maridos* — igualmente movidos pela avidez alimentar e sexual, mesmo sem o suporte da matéria — só podem restar para nós como imagens de um paradoxo ininteligível. Se nos desconcertam — e sem dúvida o fazem — talvez seja menos por impedirem nosso reconhecimento no espelho que oferecem, mas por exporem, na simplicidade de seus relatos, os limites do nosso próprio conhecimento.

■ Eliane Robert Moraes é professora de Estética e Literatura na PUC-SP e autora de "Sade — A Felicidade Libertina" (Imago)



SERVIÇO
Moqueca de Maridos — Mitos Eróticos, de Betty Mindlin e narradores indígenas, Editora Rosa dos Tempos, 308 páginas, R\$ 28,00